

Discussões sobre o ensino de violão em ambientes digitais: um paralelo entre a literatura e a opinião de um grupo de cinco professores

Roberto Marcos Gomes de Onófrio
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
robertootrebor@hotmail.com

Comunicação

Resumo: Esse artigo teve como objeto de estudo o ensino do violão em ambientes digitais. O objetivo foi buscar elementos para discutir os problemas e dificuldades dessa modalidade de ensino. Para atingir os objetivos, coletamos dados de duas fontes: a primeira através de uma revisão bibliográfica, buscando artigos sobre o processo de ensino-aprendizagem do violão em ambientes digitais, e a segunda por meio de um questionário aplicado a cinco professores de violão com experiência comprovada. Para a apresentação desses dados, utilizamos o que cada uma das fontes nos trouxe sobre o ensino do violão em ambientes digitais. A partir disso, discutimos os pontos relevantes apresentados pelas duas fontes e buscamos um contraponto entre as duas fontes. Esperamos com isso ampliar as discussões sobre essa temática e justificamos essa pesquisa pela atualidade do tema. Esses dados foram parte dos resultados obtidos durante o desenvolvimento da tese de doutorado do autor.

Palavras-chave: Ensino de violão; Ambiente digital de aprendizado; Ensino de violão à distância.

1. Introdução

Os Ambientes Digitais de Aprendizagem (ADAs) (ALMEIDA, 2012) são espaços criados digitalmente através de sistemas computacionais que podem ser do tipo aberto, distribuído livremente na internet, ou proprietário, controlado e distribuído de forma paga (FRANCO, CORDEIRO e CASTILHO, 2003). Como exemplo, temos o *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* (MOODLE) como sistema aberto e o WEBCT, “desenvolvido originalmente na Universidade de British Columbia, Vancouver, Canadá, em 1995” (DIAS e CASSIANI, 2003), como sistema fechado. Esses ambientes digitais utilizam os recursos tecnológicos disponíveis na rede, mas com a vantagem de integrá-los em um mesmo espaço digital, através de um software. Os ADAs permitem a interação e comunicação dos usuários que não compartilham do mesmo espaço físico por meio de ferramentas, como fórum, e-mail, chat,

vídeo conferência, etc. Esses ambientes também facilitam a integração entre as mídias digitais como áudio, texto, vídeo, imagens e hiperlinks. (FRANCO, CORDEIRO e CASTILHO, 2003).

Com o advento dessas tecnologias digitais, as fontes de informações, antes restritas aos moldes tradicionais através das aulas expositivas dos professores, aos poucos foram se pulverizando. Hoje, podemos obter informações em sites, blogs e através do compartilhamento em redes sociais de forma rápida e contínua.

Na música, a tecnologia interferiu de maneira direta nas formas de criação e produção. “O desenvolvimento tecnológico sempre teve ampla influência na música, seja nos seus mecanismos de produção, distribuição, ou mesmo em seus estilos e tendências” (GOHN, 2001, p.1). No ensino musical, professores integraram a tecnologia ao seu dia-a-dia, utilizam editores de partituras, mídias digitais, gravadores e reprodutores de áudio e vídeo. Na última década, com a expansão da internet, começaram a ampliar os espaços físicos de aula, propiciando aos seus alunos um atendimento digital, por meio de vídeo conferência, de forma síncrona, ou através de repositórios e ADAs de forma assíncrona.

O ensino-aprendizagem do violão, que é o objeto desse artigo, também sofreu influência do desenvolvimento tecnológico. O violão durante muito tempo foi ensinado a partir do que Santaella (2013, p.296) expõe como “tecnologia do livro”.

É nesse contexto que este artigo está inserido, tendo como objetivo investigar o ensino do violão em ambientes digitais. Para essa investigação, utilizamos duas fontes de dados. Uma foi a revisão da literatura através dos artigos que versam sobre o ensino de violão em ambientes digitais e outra formada por um grupo de professores sobre o ensino do violão em ambientes digitais. As opiniões dos professores foram obtidas por meio de um questionário. A partir das respostas dos questionários, fizemos um paralelo com a literatura. Buscamos com isso, ampliar o campo da investigação, trazendo mais elementos para essa discussão. Justificamos a pesquisa pela atualidade do tema, por trazer novos elementos para pesquisas futuras e sugestões para o planejamento dos cursos de violão nessa modalidade.

2. Metodologia

Para atingir o objetivo da pesquisa, utilizaremos duas fontes para a coleta de dados. A primeira, através da revisão bibliográfica. Buscamos artigos que trate do processo ensino-aprendizagem do violão em ambientes digitais. Procuramos trazer, a partir desses textos, os pontos levantados por cada um dos autores. A segunda coleta de dados foi feita por meio de um questionário aplicado a cinco professores de música com experiência comprovada no ensino do violão. Com esse questionário, buscamos obter quais são as opiniões desses professores sobre o processo de ensino-aprendizagem do violão em ambientes digitais. A apresentação dos dados foi feita através da pesquisa qualitativa e os resultados foram discutidos e comparados com a revisão bibliográfica.

3. Revisão bibliográfica

Investigando a bibliografia, encontramos o artigo de Braga (2010) que faz um levantamento das pesquisas sobre o ensino na modalidade digital. A partir dos dados pesquisados, a autora faz uma categorização dos temas que dialogam com o ensino digital e a divide em cinco eixos: o ensino instrumental; a formação do professor em música; a metodologia utilizada; o perfil do aluno; e as habilidades a serem desenvolvidas. Observamos, a partir desse trabalho, que as pesquisas são direcionadas ao planejamento e aos elementos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem em ambientes digitais. A partir dessas informações, selecionamos alguns textos que tratam sobre o ensino de instrumento.

Ribeiro (2010) descreve os aspectos motivacionais que influenciam no aprendizado do violão em ambientes digitais, argumentando que essa motivação é necessária para que o aluno não desista no meio do curso e para que ele esteja sempre empenhado no estudo. O autor discute a motivação a partir da teoria da autodeterminação, pensando em como ela pode ajudar no planejamento de cursos em ambientes digitais, evitando, assim, o alto índice de evasão escolar nessa modalidade. Silva e Salles (2012) trazem que o repertório adequado ao nível do aluno e ao seu contexto social podem ser um agente motivador.

Algumas ações podem ajudar o aluno a estar sempre motivado, como a escolha do repertório adequado, os materiais de apoio, a interação entre aluno e professor. Braga e Ribeiro (2010) discutem que a vídeo conferência se constitui como uma ferramenta de interação adequada ao ensino de instrumento à distância e os fóruns também contribuem para aproximar professores e alunos. Westermann e Marques (2011) reforçam a importância do planejamento em cursos em ambiente digitais. Silva e Salles (2012) abordam que a utilização de vídeos, em forma de tutoriais, reproduz a dinâmica da sala de aula, constituindo uma estratégia relevante para o aprendizado e para motivar o aluno.

Narita (2008) pontua sobre a importância da Interação e de atividades que contemplem a prática colaborativa. Westermann e Marques (2011) discutem a importância da interação do aluno com o repertório e o material didático.

4. Questionário dos professores

Para estabelecer uma avaliação de acordo com os objetivos da pesquisa, foi preciso escolher um número adequado de professores e que estes tivessem uma formação musical sólida, bem como experiência com alunos iniciantes em violão popular.

Utilizamos como ferramenta de coleta de dados um questionário que teve como objetivos traçar um perfil do professor e quais são as suas opiniões sobre essa modalidade, trazendo os pontos positivos e negativos.

Na primeira parte do questionário buscamos traçar um perfil dos avaliadores. Verificamos que: a idade dos avaliadores está entre 24 e 47 anos; quatro possuem curso superior em música; um tem doutorado e outro mestrado em música; todos tocam violão há mais de dez anos; os cinco estudaram formalmente com professores por mais de cinco anos; e todos dão aula para iniciantes há mais de dez anos.

Na segunda parte do questionário, buscamos verificar a opinião dos professores sobre o ensino em ambientes digitais. Fizemos duas perguntas a cada professor e abaixo apresentaremos os dados.

Pergunta 1: *“Você tem ou teve alguma experiência em aulas à distância com alunos de violão iniciantes? Se sim, descreva a forma que foi feita (Skype, ambientes de aprendizado, etc). Diga a sua opinião sobre isso.”*

A partir dos dados verificamos que os professores 1 e 4 têm experiência apenas em aulas de violão via Skype. Apesar da experiência com iniciantes, eles só utilizam essa modalidade para alunos intermediários ou avançados. O professor 2 tem experiência nessa modalidade, com iniciantes, intermediários e avançados e utiliza o ambiente *MOODLE*. Os professores 3 e 5 nunca deram aula nessa modalidade, apenas aulas presenciais.

Encontramos uma amostra heterogênea e dentro das expectativas da pesquisa. O nosso interesse foi saber o motivo da escolha de cada um deles. Na pergunta 2, trouxemos este questionamento.

Pergunta 2: *“Pensando no tema do trabalho, que é sobre o ensino do violão no ambiente digital, gostaria que discorressem, a partir de sua opinião, quais as principais diferenças, dificuldades, problemas e facilidades em ambos os ambientes de ensino-aprendizado?”*

Constatamos que, a partir das respostas dos professores, o ensino na modalidade digital apresenta pontos positivos e negativos e abaixo apresentaremos os pontos relevantes de cada um dos professores.

Para o professor 1, a formação de um instrumentista requer: experiências reais, ou seja aquela que ocorre presencialmente; boas referências sonoras; e interação com a produção através da vibração das cordas. Para ele, a democratização das informações e a possibilidade de ter aulas não presenciais são pontos positivos, pois o aluno de uma localidade distante pode fazer aula sem a necessidade de deslocamento, além da possibilidade de ter acesso a cursos baratos ou até mesmo gratuitos.

O professor 2 discute que a falta de autonomia do aluno em cursos em ambientes digitais é um problema a ser considerado na elaboração do curso. Pois um aluno acostumado a ter tudo pronto, tem dificuldades em cursos nessa modalidade. Aponta também que a diferença de níveis dos alunos que cursam uma mesma disciplina é um ponto problemático e

que há a necessidade de dividir as turmas por níveis. Cita que nem todo conteúdo pode ser trabalhado da mesma forma, como ensinar teoria musical, uma vez que é diferente de ensinar improvisação. Por último, a falta do convívio com os colegas, o que julga ser fundamental para o crescimento musical. Como ponto positivo, ele aponta que, se o aluno estiver inserido nas novas ferramentas tecnológicas, seu aprendizado pode ser até superior, graças à quantidade de materiais disponíveis.

O professor 3 aponta, como única vantagem, não precisar se deslocar para ter as aulas, o que diminuiria o tempo gasto e uma diminuição nos custos com transporte. Não fez nenhuma consideração sobre a questão prática do ensino.

O professor 4 diz que o resultado do aprendizado na modalidade digital depende do aluno, da sua desenvoltura com o instrumento e a sua capacidade de aprender nessa modalidade. Aponta, da mesma maneira que o professor 1, a importância das boas referências sonoras. Afirma que, para uma formação mais meticulosa, o ensino remoto não é adequado, a não ser que haja uma mescla dos encontros presenciais e digitais.

O professor 5 diz que a impessoalidade na relação entre professor e aluno, por causa da distância física, é algo importante e precisa ser discutido, mas considera que o maior problema é manter o aluno atento e motivado durante todo o curso.

5. Discussões

Verificamos na literatura a preocupação dos pesquisadores com a questão da motivação, repertório, planejamento, ferramentas e interação. Percebemos que eles estão mais inseridos no contexto do ensino-aprendizagem na modalidade digital e provavelmente as pesquisas sejam resultados das suas dificuldades como professores ou as dificuldades relatadas por seus alunos. Ao verificar o ponto de vista do grupo de professores pesquisados, percebemos a falta de contato com a prática do ensino em ambientes digitais, o que permitiu outros olhares e outras informações.

Para o grupo de professores, há uma preocupação sobre a presença de boas referências musicais e isso, a nosso ver, é fundamental no desenvolvimento musical do aluno.

Oferecer materiais com bons intérpretes, boas gravações e boas performances pode dar ao aluno um bom modelo a ser seguido. Outro ponto observado é a questão da impessoalidade no aprendizado. A falta de contato físico com o professor e com os colegas pode fazer com que o aluno se distancie do curso ou mesmo fique desmotivado. Ribeiro (2010) traz, como sugestão, que a vídeo conferência e os fóruns são ferramentas apropriadas para aproximar professor e alunos. Narita (2008) sugere práticas colaborativas como meio de aproximação.

Observamos também a preocupação com a falta de autonomia do aluno, relatada pelo Professor 2. Essa dificuldade é observada também nas aulas presenciais. O aluno acostumado a ter tudo pronto, por vezes, tem dificuldade em tomar iniciativa. Em cursos em ambientes digitais, o aluno deve ter uma atitude mais ativa, pois, ao contrário do que acontece na aula presencial, em que ele pode ficar parado, ouvindo a explicação de forma passiva, no ambiente digital ele precisa se conectar, entrar no ambiente, ler e entender as atividades. Esse descompasso, de muitos alunos, pode trazer problemas para a condução de cursos nessa modalidade. Ribeiro (2010) traz a teoria da autodeterminação para discutir essa falta de autonomia e sugere atividades que ajudem o aluno a ficar sempre motivado. Narita (2008) propõe atividades de interação que, estimulem o aluno a ser mais autônomo, além de aproximá-lo do professor.

Outra questão apontada, pelo professor 2, que relata a sua própria experiência em curso em ambientes digitais, é que muitas vezes os alunos não estão divididos no mesmo nível instrumental. A disciplina pode ter alunos de todos os níveis, muitas vezes pela falta de professores ou mesmo por não ter objetivo de fornecer ao aluno um desenvolvimento pleno do instrumento, tendo como ideia apenas iniciar o aluno no instrumento. Ele fala também que às vezes o conteúdo não é adequado ao grupo e ao tipo de disciplina e cita, como exemplo, que *“ensinar um aluno iniciante em violão é diferente de ensinar teoria musical, improvisação ou composição”*. Na nossa breve revisão da literatura não encontramos qualquer menção a esses pontos levantados pelo Professor 2.

6. Considerações

O problema da transição do presencial para o digital não está apenas na forma dos encontros síncronos e assíncronos. Na aula presencial, mesmo que o aluno não consiga realizar as instruções dadas verbalmente ou através das demonstrações práticas, o professor pode interferir diretamente sobre o “corpo” do aluno. Pode posicionar as mãos ou mesmo ajudar na realização de um movimento.

A partir da revisão bibliográfica, podemos elencar alguns pontos a serem observados na condução de cursos em ambientes digitais: aspectos motivacionais; repertório com agente motivador; vídeo em forma de tutorial que reproduz a dinâmica da sala de aula; interação; práticas colaborativas; planejamento; interação do aluno com o repertório e com o material; e a utilização da videoconferência.

Com as respostas do grupo de professores, observamos pontos importantes na criação e desenvolvimento de cursos nessa modalidade, como: buscar autonomia do aluno; buscar propor boas referências e experiências reais ao aluno; propor que alunos sejam divididos em níveis de habilidade instrumental; conteúdo adequado ao nível do aluno e aos objetivos da disciplina; ferramentas para manter a atenção do aluno; e habilidade dos alunos com essas novas tecnologias.

Desta forma, faz-se necessário aprofundar as discussões e reflexões sobre o tema, bem como procurar um novo caminho e novas estratégias metodológicas.

7. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. Tecnologia e educação à distância: abordagens e contribuição dos ambientes digitais e interativos de aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação à Distância*, n. 1. Rio de Janeiro: Instituto de pesquisas e administração da educação, 1993. p. 6 - 15.

BRAGA, Simone M. Ensino e formação musical à distância: um breve levantamento das pesquisas realizadas. CONGRESSO DA ANPPOM, XX, 2010. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC, 2010. Disponível em [http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2010/ANAIS do CONGRESSO A NPPON 2010.pdf](http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2010/ANAIS_do_CONGRESSO_A_NPPON_2010.pdf). Acesso em 20 de agosto de 2016.

DIAS, Denise C. e CASSIANI, Silvia H. B. Educação sem distâncias: utilização do WebCT como ferramenta de apoio para o ensino da Terapia Intravenosa na Graduação em Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 56, n. 4, p. 443-446, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v56n4/a29v56n4>. Acesso em: 02 de julho de 2016.

FRANCO, Marcelo A.; CORDEIRO, Luciana M.; DEL CASTILHO, Renata A. F. O ambiente virtual de aprendizagem e sua incorporação na Unicamp. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 2, p.341-353, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v29n2/a11v29n2.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2016.

GOHN, Daniel M. A tecnologia na música. CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, XXI, 2001. Campo Grande, MS. *Anais...* Campo Grande: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6GOHN.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

NARITA, Flávia M. Licenciatura em música na Universidade Aberta do Brasil (UAB): educação sem distância? CONGRESSO DA ANPPOM, XVII, 2007. São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNESP, 2007. Disponível em: http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/index.html. Acesso em 20 de agosto de 2016.

RIBEIRO, Gianni M. Motivação para aprender no ensino coletivo de violão à distância. CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, XIX, 2010. Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG, 2010. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abemcongresso_2010_parte2.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2016.

RIBEIRO, Giann; BRAGA, Paulo. Aprendizagem por videoconferência nas aulas coletivas de instrumento. CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, XIX, 2010. Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Juliana R. F.; SALLES, Beatriz, F. O vídeo no processo de aprendizagem musical de instrumento em grupo. SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS – SIMCAM, VIII, 2012. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC, 2012. Disponível em: <http://www.abcogmus.org/documents/SIMCAM8.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

WESTERMANN, Bruno. MARQUES, Edgar. O planejamento de aulas de violão através da educação à distância no Prolicenmus. ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, X, 2011. Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 2011. Disponível em: http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_nordesteabem_2011_2.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2016.